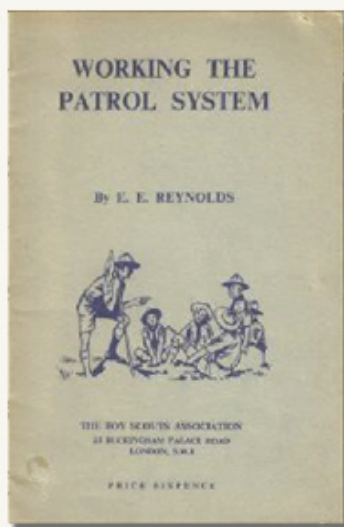


Aplicando o SISTEMA DE PATRULHAS



Por E. E. Reynolds
Ilustrações de Kenneth Brookes



Nota do compilador.

O livro *Aplicando o Sistema de Patrulhas* surgiu no Brasil em 1950, numa época em que a produção literária escoteira era prolífica no país. Foi idealizado por E. E. Reynolds como uma visão prática que completamentasse o famoso *Sistema de Patrulhas*, escrito pelo Capitão Roland Philipps em 1917. A tradução ficou a cargo de Eugênio Pfister, da antiga Associação de Escoteiros de São Paulo. O livro foi publicado pela Região do Estado do Rio de Janeiro.

Infelizmente, o *Aplicando o Sistema de Patrulhas* deixou de ser editado - em 2012, ano que nos encontramos, não consta no catálogo de qualquer cantina escoteira.

Este livro foi encontrado em formato digital, em um xérox do original, e o blog *Café Mateiro*, no desejo de prestar uma homenagem aos compiladores e tradutores da época, assim como relembrar a importância desses escritos, recompilou seu conteúdo e o colocou à disposição no endereço: cafemateiro.wordpress.com

Esta obra, naturalmente, pode e deve ser compartilhada.

Imagino que o livro, até mesmo pelo tempo transcorrido desde sua publicação, está livre de direitos autorais. Mesmo assim, caso alguém se sinta ofendido ou prejudicado, fica, desde já, gentilmente convidado a colocar-se em contato por intermédio do endereço do blog *Café Mateiro*, publicado acima.

O leitor deverá entender que, por ser um livro com mais de meio século de vida, contém nomenclaturas e procedimentos que caíram em desuso. **Todos eles** foram mantidos nesta edição atual, sobretudo para que o leitor possa fazer um passeio pela história do Escotismo no Brasil e no mundo.

O *Aplicando o Sistema de Patrulhas*, à margem de sua idade, é uma aula que confirma uma premissa ainda válida: “Escotismo não é Escotismo sem o Sistema de Patrulhas”.

DUAS PALAVRAS

Atendendo ao pedido do tradutor, cumpro aqui o dever de dizer alguma coisa sobre este livrinho.

Serei sintético! Sobre a obra em si, basta dizer que já foi editada quatro vezes em língua inglesa, em 1943, 46, 48 e 49, respectivamente.

Sobre o autor, também, basta dizer que é o biógrafo de Baden-Powell, o editor de JAMBOREE, a revista mensal do Escotismo Mundial, e um dos maiores escritores atuais sobre Escotismo.

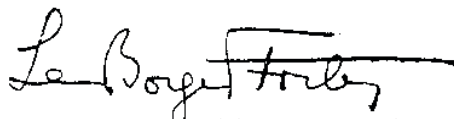
Os direitos de reprodução foram gentil e gratuitamente cedidos à União dos Escoteiros do Brasil pela Boy Scouts Association da Inglaterra, através dos bons ofícios do Bureau Internacional de Escotismo, ambos, como sempre, dispostos a ajudar-nos em qualquer sentido. É de meu dever manifestar-lhes aqui nossos sinceros agradecimentos.

A tradução é de Eugenio Pfister, da Associação de Escoteiros São Paulo, figura já sobejamente conhecida no Escotismo Brasileiro, ao qual presta mais este serviço.

Dificuldades materiais e econômicas foram superadas pela Região do Estado do Rio de Janeiro, à qual se deve esta edição.

Pessoalmente, fui apenas o agente catalisador de todos esses elementos e o resultado aí está. Embora modesto, estamos certos de que o esforço valeu a pena.

Rio. Novembro de 1950.



Comissário Internacional da U.E.B. e Membro
do Conselho Interamericano de Escotismo.

B.-P. disse:

“A divisão dos Escoteiros em Patrulhas permanentes, de seis a oito, e lidar com elas como unidades separadas e independentes, cada qual sob seu próprio Líder, responsável, é a chave do sucesso com uma Tropa”.

“Através da emulação e competição entre as Patrulhas, você cria um Espírito de Patrulha que é de grande utilidade, porquanto eleva o nível dos meninos e desenvolve, em tudo, um maior padrão de eficiência”.

“O Sistema de Patrulhas é um dos pontos essenciais em que o nosso treinamento difere do de todas as outras organizações. Onde o Sistema de Patrulhas for aplicado apropriadamente, não há dúvida que produzirá resultado. Não poderá falhar!

A Patrulha é a unidade no Escotismo, seja para o trabalho, jogos ou divertimentos, seja para a disciplina ou o dever.

Um passo extraordinário para o desenvolvimento do caráter é dar-se responsabilidade ao indivíduo. Isto é obtido, imediatamente, apontando-se um Monitor, responsável pela condução de sua Patrulha. Compete a ele conduzi-la e desenvolver as qualidades de cada menino de sua Patrulha. Isto parece uma tarefa excessiva, mas na prática não é, e produz bons resultados. Com apropriada emulação, estabelecida entre as diferentes Patrulhas, cria-se um “espírito de equipe” na Patrulha e cada menino em sua própria Patrulha se compenetra de que ele próprio é um elemento responsável e que a honra de seu grupo depende, em certo grau, da sua eficiência em ‘jogar o jogo’.

Confie bastante em seus Monitores e, nove vezes em dez, eles estarão à altura de sua expectativa. Mas se você ficar a tomar conta deles, fiscalizando-os, sem confiar em que façam bem as coisas, você nunca os deixará realizar qualquer coisa por sua própria iniciativa”.

(SCOUTING FOR BOYS)

APLICANDO O SISTEMA DE PATRULHAS

I — A ORIGEM E NATUREZA DO SISTEMA DE PATRULHAS.

O Sistema de Patrulhas é a marca de distinção do treinamento pelo método Escoteiro. Não é algo aplicado com propósitos decorativos, como esses enfeites de bolo de casamento, nem coisa de que se possa lançar mão numa situação difícil, como o Corpo de Bombeiros: é a maneira Escoteira de fazer as coisas.

Se uma Tropa não é conduzida pelo Sistema de Patrulhas, não é uma Tropa Escoteira. Ela pode ser excelente em muitas outras coisas; pode estar cheia de Escoteiros de 1ª Classe; ser um modelo em campismo e pioneiria, porém, sem ter o Sistema de Patrulhas como força motriz, não é uma Tropa Escoteira.

Isto pode parecer uma declaração surpreendente, mas a experiência tem demonstrado que nenhum outro aspecto do Escotismo é tão difícil de compreender ou de ser aplicado praticamente. Isto se explica pelo fato de não ser essa a maneira comum de se fazer as coisas.

Quando pela primeira vez pensamos no treinamento de um certo número de jovens, nós naturalmente pensamos nos métodos tradicionais (instrução em massa por aula, prática coletiva e assim por diante) como sendo os melhores. Mesmo depois da passagem de mais de uma geração pelo Escotismo, esse método habitual tem tamanhas raízes que usamo-lo sem perceber que estamos pondo de lado o único meio de desenvolvimento de caráter que o Escotismo proporciona.

Em primeiro e último lugar, Escotismo é um método de treinamento de caráter. Mas, que tipo de caráter? Que qualidades desejamos desenvolver? Como fazê-lo?

A concepção de B.-P. sobre caráter era baseada na sua profunda crença na importância do indivíduo como uma personalidade única. Ele, portanto, pôs bem

alto a autoconfiança e autodisciplina na sua lista de qualidades a desejar. Essa independência ele combinou com os ideais de honra pessoal e desprendimento. Todas essas qualidades, ele encarava como essenciais ao bom cidadão. No aspecto negativo, ele se opunha aos métodos de treinamento em massa, pois esses entravam a iniciativa e o desenvolvimento da aptidão individual.

Ele se viu em face desse problema do treinamento individual bem cedo, na sua carreira militar, onde se dedicou naturalmente ao escotismo, como o pato à água. No treino de jovens soldados (naquela época, ainda bastantes incultos e rudes), ele teve que desenvolver novos métodos. A instrução por quadrados de batalhões maciços daquele tempo desencorajava a individualidade e se cogitava mais precisão e eficiência nos movimentos em massa do que no desenvolvimento das qualidades de caráter. Por um processo experimental e observação dos erros, B.-P. concluiu que podia conseguir o que desejava utilizando pequenas unidades, cada uma de seis homens, com um graduado encarregado e plenamente responsável pela instrução de sua Patrulha. Eficiência e capacidade foram desenvolvidas pela competição entre as Patrulhas.

Quando B.-P. assumiu o comando do 5º Regimento de Dragões da Guarda na Índia, em 1897, teve uma oportunidade de experimentar o seu Método de Patrulhas numa escala maior; ele treinou um corpo de Escoteiros do Regimento (uma inovação por si só) e depois deu maior amplitude ao seu Método de Patrulhas instituindo um Plano de Distintivos e Insígnias para estimular os soldados individualmente a tornarem-se mais eficientes. Um dos resultados dessa experiência foi o livro “Ajuda à Exploração Militar” (*Aids To Scouting*). Nele podem ser encontradas muitas das ideias que mais tarde foram adaptadas ao treinamento de jovens, inclusive alguns jogos e competições entre Patrulhas.

Anos mais tarde, ele sintetizou suas experiências no Exército com as seguintes palavras:

1. Atribuição de responsabilidade aos Inferiores (cabos e soldados).
2. Tornar a instrução divertida para os homens.
3. Manter os homens em “pequenas unidades” permanentes, e essas unidades em competições entre si, tanto em campanha como nos quartéis, melhorando sua

aptidão e o nível de eficiência em todos sentidos.

As palavras-chave são *RESPONSABILIDADE*, *DIVERTIMENTO* e *PEQUENAS UNIDADES*, e isto foi, mais tarde, a base do método Escoteiro de treinamento pelo Sistema de Patrulhas.

Esse breve resumo da origem desse método realça um fato importante: o Sistema de Patrulhas foi aplicado ao treinamento de rapazes porque já tinha provado seu valor em experiência prática. Não foi uma teoria surgida no cérebro de um Professor sentado num gabinete, contemplando de longe os problemas de treinamento de homens ou rapazes.

Foi um método desenvolvido em campanha por um homem muito prático com o material mais rude que possa ter havido - o jovem soldado do último quarto do século dezenove.

Quando B.-P. estendeu suas ideias ao treinamento de jovens, não pensou na dificuldade que os chefes teriam em perceber as grandes possibilidades do Sistema de Patrulhas. Para ele parecia simples e natural, depois de tê-lo usado por tantos anos!

No “Escotismo para Rapazes” o sistema é descrito com as seguintes palavras:

“Cada Tropa é dividida em Patrulhas de seis a oito Rapazes e o objetivo principal do Sistema de Patrulhas é dar real responsabilidade a tantos rapazes quanto for possível, com o fim de desenvolver o seu caráter. Se um Chefe der a seu Monitor poder real, esperando muito dele e dando-lhe liberdade para executar seu trabalho, estará fazendo mais pelo desenvolvimento de seu caráter do que qualquer escola o poderia fazer”.

Mas, apesar de outras notas e sugestões, muitos poucos perceberam que isso era a chave para o sucesso. A reunião dos meninos em patrulhas foi realizada, mas alguns Chefes contentaram-se apenas com isso. Eis por que B.-P., em maio de 1914, escrevia no “THE SCOUTER”¹:

“Muitos Chefes e outros dirigentes não reconheceram logo o extraordinário resultado que poderiam tirar do Sistema de Patrulhas; entretanto, penso que agora,

1- N. Antiga revista inglesa dedicada aos Escotistas.

progressivamente, começam a percebê-lo.”

“O Sistema de Patrulhas, sobretudo, simplesmente reúne os rapazes em ‘turmas’ permanentes sob a direção de um do bando, que é a organização natural dos jovens, seja para travessuras e maldades, seja para divertirem-se. Mas, para tirar ótimo resultado do Sistema, deve-se dar ao Monitor uma responsabilidade realmente integral, pois, se se der responsabilidade parcial, os resultados serão, também, apenas parciais. O objetivo principal não é poupar trabalho ao Chefe, mas dar responsabilidade ao menino, porquanto isso é a melhor maneira de desenvolver-lhes o caráter. É geralmente o rapaz de melhor caráter que se torna o líder de um bando de anarquizados. Se você aplicar essa orientação natural as suas próprias necessidades, alcançará os melhores resultados.”

“É função do Chefe Escoteiro fixar os objetivos e criar na Tropa a rivalidade entre Patrulhas para atingi-lo. Deste modo, os padrões de eficiência e o próprio trabalho são aperfeiçoados em todos os sentidos.

Até hoje, muitos Chefes às vezes têm falhado em fazer pleno uso do Sistema de Patrulhas. Várias razões podem ser apontadas para essa falha: alguns homens não gostam de repartir a autoridade — querem ser os únicos ‘mandões’; outros não acreditam que seus rapazes sejam realmente capazes de assumir responsabilidade; outros não pensaram sobre o alcance da ideia; outros fazem vacilantemente experiências parciais e depois, timidamente, voltam atrás. Pode ser que alguns não tenham personalidade própria para essa espécie de treinamento e talvez fossem mais felizes num trabalho que não implicasse o uso do Sistema de Patrulha. Seja, porém, mais uma vez assinalado que o Escotismo não é Escotismo sem o Sistema de Patrulhas.”

Nos capítulos que seguem, tentaremos demonstrar como esse método pode ser posto em prática na Tropa.

Ele não é aplicável a Lobinhos! — reportando-nos ao Manual dos Lobinho: “um Primo não é um Monitor Júnior e não deve ser considerado capaz de assumir a direção ou a instrução de sua Matilha. Nem tampouco é esse método vital para dirigir um Clã de Pioneiros, onde a unidade natural é o grupo organizado para um serviço específico”.



II — COMEÇANDO PELO CAMINHO CERTO.

A maneira mais simples de fazermos uma exposição do Sistema de Patrulhas é seguir a evolução de uma Tropa imaginária, desde seu princípio à maturidade, e, enquanto acompanhamos, descrever e explicar o funcionamento desse sistema-chave.

Deve ficar bem claro que esta história da 5ª Tropa de Noeyewash não constitui um molde ao qual todas as outras Tropas em qualquer condição devem-se adaptar, em todos os detalhes. Os princípios que vamos ilustrar são aplicáveis a todas, mas a aplicação prática deve variar de acordo com as condições. Além disso, deve ser notado que esta descrição do desenvolvimento da 5ª Tropa de Noeyewash está limitada a um aspecto — o uso do Sistema de Patrulhas. Para simplicidade e justa brevidade, todos os demais aspectos são abstraídos ou, simplesmente, mencionados.

George Clarke, de 26 anos de idade, achou que gostaria de dirigir uma Tropa Escoteira na cidade de Noeyewash, de 15.000 habitantes. Não nos interessa saber como e por que teve ele essa ideia, nem vamos entrar nos detalhes de seus entendimentos com o Comissário de Distrito e com a Associação Local; nem nas suas visitas a Tropas onde milhares de conselhos e sugestões lhe foram dados. Ele acabou confiando cada vez mais na orientação do Comissário do Distrito, que na sua mocidade tinha sido um grande Chefe de Tropa, mas que havia chegado ao ponto em que julgara que seria melhor passar o bastão para outros mais jovens. Mas estes adquiriram, assim, o hábito de consultá-lo em todas as dificuldades.

Aqui temos, pois, George com permissão de começar.



Meia dúzia de garotos.

Ele arranhou um estábulo abandonado para Sede, com um pedaço de terreno atrás, embora coberto de mato e lixo. E o mais importante de tudo: conseguiu reunir meia dúzia de meninos que queriam experimentar o Escotismo.

Numa tarde de verão, reuniram-se todos e, em frente ao depósito, George percebeu que o programa que organizara para sua primeira reunião de Tropa estava todo errado. Ele o havia preparado cuidadosamente: em primeiro lugar, explicaria alguma coisa sobre Escotismo — como começara e as coisas que ele significava. Depois viria um jogo e, depois disso, um pouco de instrução sobre Nós; um outro jogo seguido de uma palestra e finalmente uma oração, Porém, realmente só o último item foi executado (aliás, com grande surpresa para os rapazes) pois, ao vê-los reunidos, ele instintivamente percebeu que seu programa falharia, motivo pelo qual muito sabiamente o abandonou.

Para começar, anotou os nomes, endereços e outros dados particulares dos meninos. Aqui seguem-se as informações principais que ele colheu:

- Arthur Newton. 11 anos e meio de idade. Pai um “chauffem” de caminhão.
- Harry Petts. Idade - 12. Pai: um empregado numa loja.
- Ted Wootton. Idade 11 (suspeito de “não ter ainda 11 anos”). Pai: policial.
- Fred Jones. Idade 12 anos e meio. Pai: marceneiro.
- Bert Selby. Idade 13. Pai: um médico.
- Dick Saunders. Idade 12. Pai: merceeiro.

Arthur e Fred eram companheiros, bem como Harry e Bert. Dick e Ted casualmente conheciam os outros. Repentinamente, George percebeu que alguma coisa estava errada: — esses seis camaradas não constituíam uma “turma”, e isso lhe deu a primeira ideia. Eles teriam que fazer alguma coisa, imediatamente. Assim ele sugeriu, então, que deveriam fazer uma fogueira de todo o lixo inflamável que havia por ali. O efeito foi mágico. Os paletós foram logo tirados e as línguas se desprenderam enquanto os detritos eram empilhados num pedaço limpo do terreno.

Quem acenderia o fogo? George ardia de desejo de ensinar-lhes a fazê-lo! Mas foi bastante prudente para deixá-los tentar por eles mesmos. E ficou a observar para ver qual seria o líder natural. Bert Selby foi o primeiro a apresentar-se, mas sua

“iniciativa” só produziu um pouco de fumaça e nada mais. Então todos tentaram, com fósforos, papel e gravetos. Por um momento, parecia que iam ser bem sucedidos, mas o fogo se apagou. Nisto, Fred disse:

- “Não adianta tentar acender todo esse monte de uma vez. Devemos começar com um pequeno fogo ao lado e depois pomos esse ‘troço’ em cima”. Fred, durante toda a tarde mal tinha dado umas palavras e George ficou surpreso ao ver como os outros (com exceção de Bert) aceitaram a ideia.

Afinal, o fogo estava bem aceso e, enquanto ele ardia, eles exploraram o estábulo. A porta estava ainda aceitável, mas a escada interior tinha desaparecido. George surpreendeu-se dizendo: — “Teremos que fazer isto e aquilo” e os rapazes apresentavam algumas sugestões. Quando o fogo se apagou, toda a timidez inicial tinha desaparecido.

Ao se reunirem em torno das brasas, ele disse: — “Bem! Vamos, ainda, fazer uma pequena oração e depois arrumar tudo para ir embora; a próxima reunião será no mesmo dia e hora da semana que vem”. Ele percebeu o olhar de surpresa quando falou em “oração”, mas não poderia ter desejado melhor oportunidade para o assunto. Quando os rapazes estavam prontos para partir, ele disse-lhes: “Eu estarei aqui quase todas as noites para arrumar as coisas. Se alguém não tiver nada melhor para fazer, apareça para dar-me uma ajuda”.

George teve uma porção de coisas para pensar nessa noite: a realidade tinha sido bem diferente do que sonhara. Uma coisa se evidenciava, claramente — ele não tinha cogitado antes que um grupo de meninos reunidos mais ou menos a esmo não se transforma automaticamente numa Patrulha. Um espírito de Patrulha só poderia surgir gradualmente, através das atividades e ideais do Escotismo. Ele teria que dirigir pessoalmente e, por algum tempo, ser o próprio Monitor. Enquanto acompanhava essa ideia, constatou que desse modo estava estabelecendo um exemplo de direção de Patrulhas que deveria ser mantido com o desenvolvimento da Tropa. Dessa maneira (e em seu próprio pensamento), ele se considerava o Monitor de tais e tais Patrulhas; e ele deixava aos meninos (o Conselho de Patrulha, naturalmente) escolher-lhe o nome.

Nessa noite, ele iniciou a prática que manteria pelos anos afora, de tomar notas

sobre a reunião. Isso também, pensou, era uma ideia que os futuros Monitores deveriam seguir; ajudava a acompanhar o progresso de cada Escoteiro e assinalava a necessidade de fazer alguma coisa definida em cada reunião.

A semana seguinte foi muito ativa. George visitou os pais dos meninos e depois, todas as noites, estava na Sede endireitando as coisas. Somente Dick apareceu na primeira noite, mas na noite seguinte, dois outros vieram e antes da segunda reunião, todos tinham “dado uma mão”, com exceção de Bert Selby. Essa Reunião seguiu mais ou menos as linhas que George tinha traçado para a primeira, porque, desta vez, todos conheciam um pouco mais os outros. Depois, fizeram um Conselho de Patrulha e decidiram chamá-la a Patrulha do Cão — e quando todos começaram a treinar o latido do cão, George sentiu-se de certo modo feliz por não existirem casas nas proximidades do estábulo. Ele, ainda, pôde ouvir os meninos praticando o latido enquanto desciam a rua, inteiramente unidos, desta vez, como observou com alegria.

Não há necessidade de seguir em detalhes o progresso da Patrulha do Cão. Como trabalhou nas suas provas de classe, praticou rudes jogos, saiu para as atividades de sábado à tarde e começou, gradualmente, a compreender o que significa Escotismo na prática. George chamava os rapazes, separadamente, em intervalos, para explicar-lhes a Lei, de forma que, quando chegou o grande dia da Promessa ele conhecia cada um perfeitamente e sentia-se confiante de que todos saberiam compreender a seriedade do compromisso que iam assumir.

Ele decidiu que a Promessa deveria realizar-se por ocasião do primeiro acampamento de fim de semana, Com um par de barracas emprestadas de uma Tropa e uma carrocinha de um construtor, eles partiram, sentindo-se um bocado importantes nos seus novos uniformes.

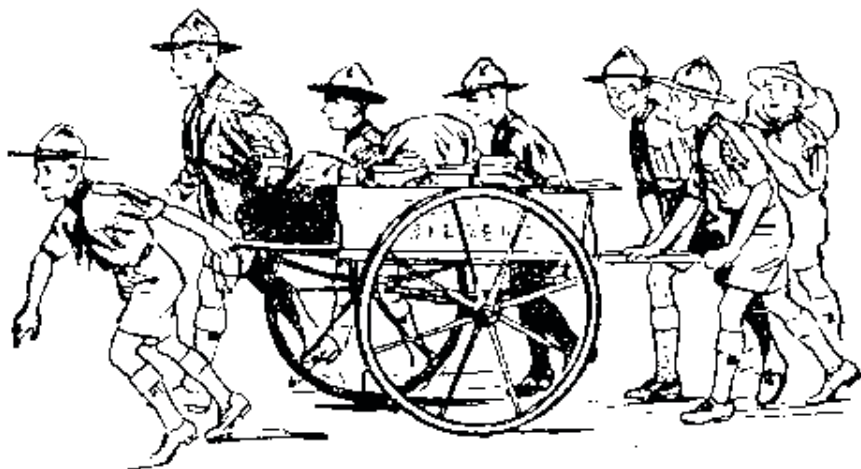
Esse acampamento foi um marco na história da Tropa. Não só realizou-se a primeira Promessa (em torno do Fogo do Conselho), mas também George comunicou que tinha escolhido os Monitores das duas primeiras Patrulhas: eles eram Fred Jones e Harry Petts. Ele percebeu que Bert Selby parecia um pouco desapontado (ele provara ser o mais “difícil” da turma), mas quando os novos Monitores escolheram os seus Submonitores, Harry escolheu Bert e Fred indicou Dick.

George teve uma longa conversa com os Monitores no domingo, depois do Ato

Religioso matinal; mostrou-lhes as notas que tinha tomado dos comparecimentos e das atividades (mas não suas observações pessoais sobre cada menino); depois deu um Livro de Patrulha e um pequeno Caderno de Notas a cada um.

Todas as segundas-feiras à noite, ele lhes pedia que passassem pela Sede para juntos discutirem como cada um dos Escoteiros ia progredindo e sugerirem o que deveria ser feito no futuro. Explicou-lhes que isso era o início do Conselho de Monitores e, que mais tarde, quando houvesse mais Monitores e eles entendessem mais de Escotismo, deveriam se reunir sem sua presença.

Nesse acampamento, também, George deu corpo a uma ideia na qual vinha pen-



...com a carrocinha de um construtor, eles partiram.

sando havia tempos — que cada Escoteiro deveria ter uma missão definida além de seu próprio treinamento.

Por algumas semanas afora, a tarefa de melhorar e cuidar da Sede tinha sido repartida entre eles. No acampamento, cada um tinha, igualmente, sua parcela individual de responsabilidade: apanhar lenha, limpar panelas, cuidar do fogo, cozinhar, manter as barracas em boa ordem e assim por diante. A importância disso, explicou ele aos Monitores, é que cada Escoteiro deve ter um trabalho (por menor que seja) na vida da Patrulha. Mesmo que não seja muito bom na função, ele deve esforçar-se no cargo e os outros devem se reunir para apoiá-lo e ajudá-lo a aprender a executá-la corretamente.

Deste modo, Fred tornou-se Monitor da Patrulha do Cão e Harry escolheu o

“Lobo” para nome de sua Patrulha. Arthur ficou na do “Cão” para continuar com Fred, e Ted tornou-se um “Lobo”.

- “A próxima tarefa de vocês”, disse George, “é completarem as suas Patrulhas. Se cada um de vocês conseguir trazer um aspirante, o trabalho está feito”.

Depois de voltar do acampamento, George teve uma longa conversa com o Comissário do Distrito, que ouviu com grande interesse tudo que até então tinha acontecido à 5ª Tropa de Noeyewash.

- “Isso vai bem”, disse ele. - “Você está começando a sentir os problemas agora que tem um pouco mais de experiência. Não espere obter resultados muito rapidamente. Observe, por exemplo, nosso método Sistema de Patrulhas de fazer as coisas. Existem dois perigos nesse sentido: o primeiro é você vir e considerá-lo como uma maneira cômoda de afastar problemas. Ele não é isso. Muito ao contrário, é bem mais difícil do que dar instrução em massa. Você terá que observar como os Monitores executam o seu trabalho e, naturalmente, não raro, terá que treiná-los na maneira de fazê-lo. Lembre-se que são simplesmente meninos e, que se forem do tipo ‘mandão’, poderão tornar-se pequenos tiranos. Não se pode também esperar deles que saibam muito sobre a maneira de instruir os outros.

O segundo perigo é que você se dedique demasiadamente aos Monitores. O objetivo do Sistema é treinar todos os meninos em responsabilidade. Está claro que nem todos serão capazes de ser Monitores. Alguns são bons Submonitores, mas, todos se beneficiam em ter, pelo menos, uma pequena missão a cumprir individualmente. Responsabilidade não é apenas uma questão de mandar nos outros. Nós queremos que cada um desses jovens compreenda que tem uma responsabilidade pessoal no sucesso e no progresso da Patrulha: um bom passo para a Cidadania. Você, evidentemente, já sentiu que um Espírito de Patrulha desenvolve-se na Patrulha do Cão”.

- “Sim”, disse George. “E é uma pena que a Patrulha tenha que ser dividida”.

—”Isso não se pode evitar. De fato, até tem suas vantagens. Existe o perigo de uma Patrulha tomar-se demasiadamente um ‘bloco’ fechado. Um Monitor (como também cada Escoteiro) tem que ser, no mínimo, fiel a duas coisas: a Patrulha e a sua Tropa, e é vantagem para a Tropa como um todo, tirar-se um Escoteiro

de uma Patrulha para torná-lo Monitor de uma outra. Isto faz parte do jogo”.

- “Eu compreendo isso”, respondeu George. “É uma coisa engraçada, mas quase que lamento não poder mais ser (como me considere) Monitor da Patrulha Cão”.

- “Mas você será sempre o Monitor dos seus Monitores”, concluiu o Comissário do Distrito.



III - PROSEGUINDO NA CONSTRUÇÃO.

Depois que as duas Patrulhas estavam formadas, uma outra aplicação do Sistema de Patrulhas tornou-se possível.

Podia haver competição nos jogos e treinamentos e, também, em apresentações e eficiência geral. A necessidade tinha obrigado a Patrulha do Cão a dedicar-se essencialmente aos assuntos concernentes às provas de Noviço; agora podiam também compelir com os Lobos em todos os jogos, e em nós, sinalização, fogueira e muitas outras coisas.

George teve que pensar sobre alguns novos problemas:

1. Como seriam treinados os aspirantes nas provas de Noviço?
2. Como seriam os Noviços (entre os quais figuravam os próprios Monitores) preparados para Segunda Classe?

Ele teria sempre que ter em mente a necessidade de treinar os Monitores para sua função, e também, observar o progresso de cada Escoteiro e procurar ir de encontro às suas próprias aspirações. Sentia-se como um malabarista jogando com meia dúzia de bolas ao mesmo tempo. Felizmente, conseguiu arranjar um Subchefe assistente, mas este não podia ajudá-lo muito, inicialmente, porque ele tinha de ser preparado também.

O primeiro problema foi resolvido da seguinte maneira:

O Monitor seria responsável pelo adestramento dos aspirantes, com exceção da Lei Escoteira que constituiria assunto do próprio Chefe. O Monitor não precisaria, nem deveria, tentar ministrar toda a instrução pessoalmente: nesse ponto também a responsabilidade deveria ser repartida com o Submonitor e qualquer outro Escoteiro capaz de realizar a tarefa.

O segundo problema, por enquanto, teria ainda que ser tarefa do próprio George. Quando os Monitores atingissem a Segunda Classe, poderiam agir como em relação às Provas de Noviço. Ele percebeu a importância de usar métodos simples de instrução, pois estes seriam mais tarde imitados pelos Monitores. Isto, quanto ao treinamento. Mas, apareceu uma porção de outras coisas a serem resolvidas: por exemplo, a boa apresentação e pontualidade. George decidira que essas duas qualidades deveriam ser básicas na sua Tropa.

Logo que as duas Patrulhas começaram a funcionar, ele teve uma longa conversa com Fred e Harry. No futuro, uma Inspeção faria parte do início da Reunião da Tropa e ele lhes disse que esperava que eles fizessem com que suas Patrulhas se apresentassem corretamente uniformizadas, com pontualidade e prontas para qualquer coisa. Juntos elaboraram um sistema de pontos para competições entre Patrulhas. George frisou-lhes que cada qual deveria tornar bem claro a seus Escoteiros que cada indivíduo era responsável pela boa forma da Patrulha e não podia deixá-la em situação de inferioridade. Foi espantosa a rapidez com que os jogos e competições entre Patrulhas elevaram a eficiência dos rapazes.

Cada Escoteiro compreendeu que ele era uma figura importante na sua Patrulha e que sua aptidão e eficiência serviam para alguma coisa. Os Monitores seguiam, naturalmente, os métodos que George tinha usado de início com a Patrulha do Cão. Eles tinham livros e registros de presença, de contribuições etc.

Pouco depois, foi dado a cada Patrulha um pedaço de estábulo como Canto de Patrulha. George só fez uma sugestão sobre decorações - cada Patrulha teria um quadro para demonstrar como seus membros iam progredindo nas provas.

Havia uma forma de atividade de Patrulha que preocupava George, desde que tinha observado outras Tropas Escoteiras antes de começar a sua. Em muitas reuniões ele observara a existência de dez ou mais minutos para “Reunião no Canto

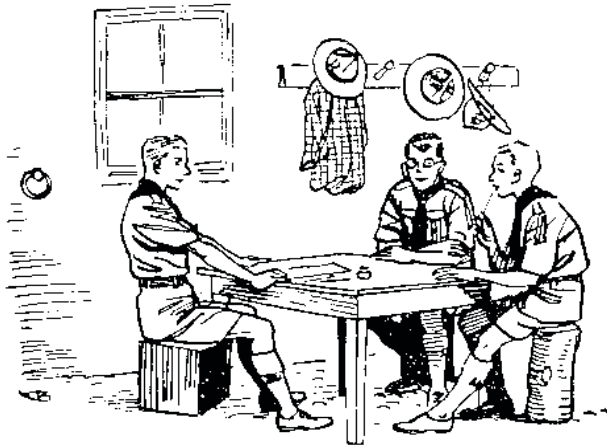
de Patrulha”. Ficava rondando para observar o que acontecia. Para falar a verdade, esse tempo parecia ser considerado como um “intervalo” e ninguém fazia nada em particular. Às vezes, aparecia um pedaço de cabo ou uma bandeirola de semáforo era agitada por alguns momentos. De uma maneira geral, George chegou à conclusão que esse tempo era praticamente desperdiçado, porém, ali existia uma boa ideia — a Patrulha por si própria treinando sob a direção do seu Monitor.

George expôs a questão ao Comissário do Distrito, que concordou que uma boa ideia estava ali surgindo – “Você pode ter sido infeliz”, disse ele, “nas reuniões que assistiu, mas eu sei que uma grande parte desse ‘negócio’ de ‘Canto de Patrulha’ está sendo mal orientado. Vou até mais longe e dir-lhe-ei que esse relaxamento é perigoso, porque os meninos ficam com a ideia de que a parte mais desagradável da reunião é quando têm que ir para seu Canto de Patrulha”.

- “É obrigatório termos ‘Canto de Patrulha’?”, perguntou George.

-”Decerto que não!” - respondeu o Comissário de Distrito. “Eu penso que a ideia teve origem (como muitas coisas) em substituição à uma correta reunião de Patrulha em qualquer noite em que esta não foi possível. Depois, o negócio transformou-se numa parte convencional da reunião. Se seus Monitores podem reunir suas Patrulhas uma vez por semana para instrução, você não precisa de ‘Cantos de Patrulha’ — e o próprio nome perde todo e qualquer significado.”

Com essa conversa na cabeça, George decidiu que nas Reuniões de Tropa não



O primeiro Conselho de Monitores.

teriam no programa um tempo especial para “Canto de Patrulha”, mas que cada Patrulha agrupar-se-ia isolada para um fim especial, tal como para resolver como participar de uma competição etc. Depois, poderiam também encontrar-se uma vez por semana para fins de treinamento. Por mais de um mês ele treinou Fred e Harry em como “tocar para a frente” suas Patrulhas, em que fazer durante suas Reuniões de Patrulha e em como dar instrução.

Surgiu, então, o problema do Conselho de Monitores. Sua ideia causou estranheza a Fred e Harry, de modo que isso teve também de ser aceito pela prática real. George disse-lhes que, mais tarde, deixaria de participar das Reuniões do Conselho de Monitores, assim que eles tivessem aprendido as finalidades e o método dos mesmos. Isso a princípio alarmou os dois Monitores, mas, adquirindo mais experiência, eles se tornaram mais confiantes.

Quando a Tropa aumentou para quatro Patrulhas (como ela cresceu depressa depois do primeiro ano!) o Conselho de Monitores passou a ser realizado tal qual George o havia imaginado. Por exemplo, cada Monitor fazia um relatório, primeiro do que tinha sido feito em sua última Reunião de Patrulha e depois, de como cada Escoteiro ia progredindo. Isso provocava sugestões sobre o que seria mais útil na próxima Reunião de Tropa.

Gradualmente, também, enquanto seus conhecimentos aumentavam, os Monitores aprendiam a organizar completamente as Reuniões de Tropa, não obstante George sempre reservava tempo para um assunto novo, uma surpresa, que ele próprio concebia e preparava.

Era com prazer (e um certo orgulho) que George via a aplicação do Sistema de Patrulhas. Ele constatou que não era sempre fácil distribuir a responsabilidade aos Monitores. Algumas vezes, os trabalhos não eram feitos como ele o desejava, mas ele era suficientemente vivo para compreender que os meninos, certamente, aprendiam tanto quanto como se tudo corresse em ordem. A experiência logo venceu suas primeiras dúvidas sobre o acerto de dar integral responsabilidade aos meninos; estes pareciam despertar com ela, e ele percebeu um definitivo fortalecimento do caráter de Fred e Harry. Ele observava o progresso com muita atenção e pouco depois percebeu sinais de perigo.

Fred, por exemplo, tinha tendências a tornar-se um duro patrão (tipo Sargento

Ajudante!), enquanto que Harry tendia para a direção oposta, deixando sua Patrulha dirigi-lo. Uma conversa com Harry ajudou-o a ver a necessidade de assumir a direção mais firmemente e de distinguir entre as razoáveis aspirações de seus Escoteiros e as dificuldades que criavam só para se divertirem. A ideia do Conselho de Patrulha reduziu o autoritarismo de Fred.

Isso, explicou George, era uma espécie de Conselho de Monitores, dentro da Patrulha. Não exigia muito tempo, mas, se os Escoteiros tivessem uma oportunidade de ajudar nos planos e nas decisões, cada um sentir-se-ia responsável na obtenção de melhores resultados,

Ele tirara a ideia do Conselho de Patrulha das sugestões de B.-P.:

“De diferentes origens eu tenho interessantes relatórios de resultados muito satisfatórios no desenvolvimento do Sistema de Patrulhas. O resultado final disso tudo é seguinte: – cada indivíduo na Patrulha é feito responsável, tanto na sede, como no campo, pela sua tarefa definida no resultado do trabalho do conjunto. Isto simultaneamente exalta a situação e as responsabilidades do Monitor e desenvolve interesse individual e capacidade cívica de cada membro, ao mesmo tempo criando um ‘esprit de corps’ para o Grupo.”

“A Patrulha constitui ela própria um Conselho:

O Monitor é o responsável como Presidente. O Submonitor é o responsável como Vice-Presidente e Intendente, encarregado do material etc.

O Escoteiro nº1 é responsável como Escriba.

O nº2 é responsável como Tesoureiro.

O nº3 é o responsável como Guarda do Canto de Patrulha.

O nº4 é responsável como Treinador de Jogos.

O nº5 é responsável como Bibliotecário.”

“O Conselho ocupa-se com todos os casos, como, por exemplo: quais as especialidades a que a Patrulha deve dedicar-se; onde acampar, excursionar etc.; quais os jogos que interessam: futebol, vôlei etc. ou esportes atléticos; exhibições etc. e também sugerir as questões a serem submetidas e decididas pelo Conselho de Monitores.

O Escriba anota as atas do Conselho, que serão lidas na próxima reunião para

serem emendadas e submetidas à assinatura do Presidente (Monitor).

O Escriba tem, também, o dever de manter o Livro da Patrulha em dia, no qual devem ser registrados, semanalmente, as ações da Patrulha na sede ou no campo. A realização desses Conselhos de Patrulha, quando conduzidos apropriadamente, elevam definitivamente o nível do Conselho de Monitores. Se for realizado com o aspecto e cerimônia de uma reunião séria e útil, o Conselho de Monitores torna-se uma espécie de ‘Câmara Superior’ de considerável importância aos olhos dos meninos, uma vez que se interessam de perto pelas suas decisões, e no conjunto, ela constitui uma valiosa lição prática de civismo”.

- “O Sr. Sabe,” - disse George ao Comissário Distrital – “eu pensava que as coisas ficariam mais fáceis para mim quando a Tropa se desenvolvesse. Mas tenho que observar cada escoteiro e zelar para que receba adestramento adequado e verificar como está se desenvolvendo. Isto parece exigir o mesmo tempo que eu precisei para treinar a primeira turma.”

- “Você poderia dizê-lo do seguinte modo”, respondeu o Comissário de Distrito: - “Organizar é sempre mais fácil do que observar. Você começou as coisas de maneira correta, mas terá que observar cuidadosamente para não se afastar da linha certa. Isto requer muito tato. Se você interferir demais, rapazes como Fred se desinteressarão, enquanto que, os mais moles, como Harry, ficarão satisfeitos em deixar você com a carga. Mas não perca o estímulo. Você começou muito bem. Não esqueça: eles são simplesmente meninos e têm que aprender”.



IV – DESENVOLVIMENTOS POSTERIORES.

Antes do primeiro Acampamento de Tropa com as quatro Patrulhas, George fez com que cada Patrulha realizasse previamente um Acampamento de fim de semana; ele achava que os Monitores não tinham suficiente experiência para dirigir os seus próprios acampamentos. “No ano próximo poderão fazê-lo”, pensou consigo mesmo. Queria, naturalmente, estabelecer sólidas bases para uma tradição da Tropa em campismo.

Como um guia para organização geral, George seguia os conselhos de B.-P.:

“Como a época de acampamentos chegou, devo dizer que dos acampamentos que já visitei, um ou dois infelizmente seguiam normas erradas, apesar dos outros serem muito satisfatórios. Recomendo, insistentemente, acampamentos pequenos de mais ou menos meia dúzia de Patrulhas; cada Patrulha em barraca separada num campo separado, de maneira que os Escoteiros não se sintam como em ‘carneirada’, mas membros de unidades independentes e responsáveis”.

“Acampamentos grandes impedem a realização do trabalho escoteiro e requerem treinamento militar. Um deles que visitei outro dia, mostrou-se primorosamente bem organizado do ponto de vista militar, mas muito pouco me agradou, não só por suas características inteiramente militares, como também porque as Patrulhas (a essência de nosso sistema) achavam-se desmembradas para seus membros caberem nas barracas.”

“As Patrulhas devem ser mantidas intactas em qualquer circunstância. Se mais de seis ou sete Patrulhas estiverem fora ao mesmo tempo, devem, de preferência, ser divididas em dois campos localizados, digamos, a um ou dois quilômetro um do outro.”

George acentuou particularmente as frases “unidade independente e responsáveis” e “Patrulhas mantidas intactas”. Depois, também anotou a sugestão de B.-P. de “que cada Escoteiro deveria ter uma tarefa definida”. Ele tinha feito isso nos acampamentos da Patrulha Cão, e mudando os encargos por rodízio (exceto o de Monitor), obtivera a variedade de experiências.

A lista de B.-P., naturalmente organizada como simples sugestão e não como sistema rígido, era a seguinte.

- Monitor. Inteiramente encarregado e supremo responsável pela distribuição de tarefas e por sua execução.
- Submonitor. Intendente encarregado do suprimento dos mantimentos, equipamento e ambulância.
- Escoteiro nº1. Cozinheiro, preparação das refeições.
- Escoteiro nº2. Escriba, registro dos bens, inclusive dinheiro, e pelos livros da Patrulha e relatórios de acampamentos ou excursões.

- Escoteiro nº3. Trabalhos de pioneira, confecção de fossas.
- Escoteiro nº4. Higiene e Saúde, mantendo o acampamento limpo; incineração de detritos.
- Escoteiro nº5. Bombeiro e lenhador, sendo pessoalmente responsável pelo suprimento de água e lenha para a cozinha e o Fogo de Conselho.

Não há necessidade aqui de entrar em detalhes sobre as preparações feitas para o acampamento, nem nos acontecimentos que se lhe seguiram. Cada Patrulha acampou como unidade independente e autossuficiente, e o terreno permitiu-lhes ficarem a uma distância umas das outras.

As coisas saíram erradas algumas vezes, mas, a essa altura, George já tinha suficiente visão para não intervir, tentando pôr as coisas em ordem: algumas palavras para os Monitores, uma sugestão para um, sobre qualquer deficiência particular, logo produziam maravilhas.

Assim mesmo, George “explodiu” uma vez; foi com relação à arrumação geral; suas palavras ásperas foram mais produtivas por serem inesperadas e os Monitores, perplexos, logo arranjaram todas as coisas e elas foram mantidas em ordem. A competição sobre campismo entre as Patrulhas melhorou bastante as coisas e provocou o melhor esforço de cada um.

Um incidente no acampamento deu muito que pensar a George. John Petts era um dos Escoteiros mais novos; ele parecia não adaptar-se, e Fred era seu Monitor. John era anarquizado e descuidado, pondo sempre as coisas nos lugares errados. Sempre impontual. Não obstante, era alegre e parecia gostar de Escotismo. Fred apareceu uma noite e conduziu o assunto para John Petts. Sua opinião era de que John devia ser mandado embora. George sentiu-se um tanto culpado: ele não tinha tido realmente tempo de conhecer John, que tinha vindo com uma turma de aspirantes durante a primavera. Portanto, procurou acalmar Fred e aproveitou a primeira oportunidade para ter uma conversa com John. Queria descobrir o que realmente havia de aproveitável no menino – e, finalmente, John admitiu timidamente que gostava de passados, árvores e “de toda essa espécie de coisas”. Isso deu uma ideia a George.

No Conselho quotidiano que teve com os Monitores nessa noite, ele lançou a ideia de que deveria haver uma competição inter-Patrolhas , durante os próximos três dias, para o melhor “Diário sobre Natureza”, acompanhado do material coletado. Ninguém apareceu muito entusiasmado com a ideia, mas ela foi aceita. John, por fim, encontrou algo em que poderia contribuir para a Patrulha. Quando a Patrulha do Cão venceu, até Fred teve que admitir que John não era, afinal de contas, completamente inútil.



Ele parecia não adaptar-se.

George aproveitou esse exemplo para explicar aos Monitores como deveriam descobrir os interesses de cada um para aproveitá-los a serviço da Patrulha, simultaneamente zelando para que o treinamento geral fosse sendo levado em linhas corretas. Ele percebeu mais completamente, então, a importância de seu estudo pessoal sobre cada Escoteiro. Os Monitores poderiam, certamente, ser encarregados de executar sua tarefa, mas, afinal de contas, eram meninos e não podia exigir-se deles que reconhecessem e explorassem as melhores qualidades do caráter de cada um. Isso seria sempre sua principal tarefa como Chefe. O julgamento dele de modo geral era bom. George percebeu isso quando chegou a época de novos Monitores serem designado pelo Conselho de Monitores.

Uma ou duas vezes, teve algumas dúvidas sobre o acerto da escolha feita, mas

descobriu que o tempo e a nova responsabilidade revelavam todas as qualidades dos novos Monitores, de cuja existência não suspeitava.

Quando atingiram a quatro Monitores, George ficou bastante satisfeito em constatar que podia confiar neles para preparar os Noviços e muitas das provas de Segunda Classe. Mas queria ver esses Monitores com sua insígnia de Primeira Classe. Todas as Reuniões incluíam, agora, algum trabalho de Segunda e de Primeira Classe, mas esse treinamento intermitente não tinha uniformidade. Portanto, George decidiu tomar a si os seus Monitores, reunindo-os como sua Patrulha, a fim de treiná-los em Primeira Classe – afinal, ele estava também saudosos de um retorno àqueles primeiros dias em que ele fora também um Monitor.

Havia outras vantagens nesse plano de uma Patrulha de Monitores: a maneira como seria e ela dirigida serviria sempre de exemplo e modelo para os Monitores em seu próprio trabalho, e George obteria, além do mais, melhor conhecimento de cada um deles.

Com outras coisas tomando tempo, nessa ocasião a Patrulha de Monitores só podia reunir-se de vez em quando. Ela teve, também, seu acampamento de fim de semana, no começo da temporada de acampamentos e, certa vez, chegou a realizar, reunida, uma expedição na tarde de um sábado.

Poucos meses permitiram demonstrar a importância dessa nova iniciativa. Os Monitores adquiriram maior prestígio aos olhos dos seus Escoteiros. Todos queriam saber o que se fazia nessas misteriosas reuniões e acampamentos especiais do Chefe com os Monitores. Estes se empenharam em conquistar sua Primeira Classe e seus conhecimentos e eficiência aumentados, logo se fizeram sentir entre suas próprias Patrulhas.

Nem sempre era fácil achar tempo para todas estas atividades, mas George estava convencido de que o esforço valia a pena. Seu maior prazer era observar como os Monitores (apesar de alguns insucessos e desapontamentos) comprovavam as palavras de B.-P.: “Confie bastante em seus Monitores e, nove vezes em dez, eles estarão à altura de sua expectativa”.



V – OLHANDO PARA FRENTE.

Depois que a Tropa tinha mais ou menos três anos de vida, George se viu à frente com uma nova série de problemas. Um dos pontos mais interessantes do Escotismo que ele descobriu foi o seu constante imprevisto – qualquer coisa nova estava sempre aparecendo. Isto já era sabido por ele e seu Subchefe. Isto os impediu também de cair na rotina maçante, mas George sentiu que qualquer coisa estava errada com a Tropa ou com ele próprio. Embora se sentisse entusiasmado como sempre, assim mesmo, não havia dúvida de que alguns dos Escoteiros estavam perdendo o interesse.

Falou sobre o assunto ao Comissário do Distrito.

- “Não posso atinar com o que está de errado!”, disse George. “Os Monitores estão trabalhando muito bem, os Escoteiros passando por suas provas, continuamente, mas parece que de vez em quando nós esmorecemos”.

- “Alguém saiu ultimamente?”, perguntou o Comissário do Distrito.

- “Como é que o sr. adivinhou isso? De fato, dois saíram – dois dos fundadores, infelizmente, e também dois dos melhores. Deixaram simultaneamente a escola e foram trabalhar. Será essa a causa?”.



Falou no assunto com o Comissário de Distrito.

- “Talvez. Penso que seja o velho problema – simplesmente eles cresceram. Você perdeu algum Monitor?”.

- “Graças a Deus, não! Não sei o que seria de nós sem eles”.
- “Aí é que está a questão, George. Esses rapazes que saíram estavam, provavelmente, apenas cansados de ficar rodando sem sair do mesmo lugar e sabendo que teriam pouca oportunidade de tornarem-se Monitores. Não vou lhe dizer o que deve fazer. Você descobrirá a solução por si mesmo. Apenas dou-lhe essa sugestão: o Sistema de Patrulhas não foi criado só para treinar quatro Monitores”.

A princípio, George relutou em encarar os fatos. Ele, simplesmente, não podia imaginar a Tropa sem os seus quatro Monitores atuais – especialmente sem Fred na Patrulha do Cão e Harry dirigindo os Lobos. Não seria o mesmo! Entretanto, parecia existir bastante razão na ideia do Comissário do Distrito. Passar-se-iam dois ou três anos até que fosse necessário um novo Monitor para a Patrulha do Cão, e existiam alguns bons rapazes que deveriam ser Monitores ou Submonitores. Se não tivessem uma oportunidade, eles perderiam o entusiasmo e deixariam a Tropa. Possivelmente o Comissário do Distrito estava com a razão.

Só existia uma coisa a fazer – tratar do assunto com os Monitores e ver o que eles poderiam sugerir. Depois que ele expôs a situação claramente, Harry declarou que estava disposto a dar caminho a qualquer outro. Afinal de contas, ele já se tinha divertido bastante e, apesar de sofrer em deixar os Lobos, ele compreendia as finalidades. Fred concordou também, mas com relutância: queria saber o que aconteceria a ele e Harry. Eram muito jovens para serem Rovers, apesar de achar que formariam um Clá de Pioneiros mais tarde.

Este pensamento já tinha ocorrido a George e ele tinha cogitado a ideia de formar uma Patrulha especial para Escoteiros mais velhos que quisessem praticar um Escotismo mais avançado e realizar suas próprias reuniões. Quando ele lançou isso como uma sugestão, ela foi imediatamente aceita.

- “Justamente como a antiga Patrulha do Cão”, disseram Fred e Harry.
- “Não tanto”, disse George. “A nova Patrulha precisará de seu próprio Monitor e Submonitor e mais tarde, talvez, teremos que formar outra”.

George ficou surpreso com o entusiasmo surgido. Sua primeira apreensão foi:

“quem dirigiria essa nova Patrulha?”. Gostaria de ser ele próprio, mas, simplesmente, não podia achar mais tempo para dedicar ao Escotismo.

Seu Subchefe era perfeitamente capaz de dirigir a Tropa, mas necessitaria um outro Subchefe. Então, a Tropa poderia ser, praticamente, entregue a eles enquanto ele a supervisionaria, dedicando-se principalmente aos escoteiros mais velhos.

Um outro Subchefe custou a ser encontrado, mas, afinal, foi descoberto e a Tropa foi reorganizada em novas bases. Vários dos Escoteiros mais antigos decidiram reunir-se à nova Patrulha e quase que de repente a Tropa pareceu rejuvenescer. Mais dois Monitores foram designados e isso fez todos sentirem que as coisas estavam melhorando, e que havia mais oportunidades de virem a ser Monitores ou Submonitores.

E assim, a 5ª Tropa de Noeyewash formou sua primeira Patrulha de Seniores. E neste ponto, devemos deixá-los.



VI – O QUE SE CONCLUI DAÍ...

Seguindo o progresso de uma Tropa foi possível expor como o valor do Sistema de Patrulha pôde ser, gradualmente, explorado. Os seguintes pontos em particular foram assinalados.

1. A chave-mestra do Sistema de Patrulhas é o de desenvolvimento de um senso de responsabilidade de cada Escoteiro.

2. O Monitor e, em menor grau, o Submonitor, têm posições definidas e de responsabilidade, e se o Chefe levar isso em conta e lhes der meios e oportunidades, eles darão o melhor de si.

3. O Sistema de Patrulha não é apenas um Sistema de Monitores. Nem todos os Escoteiros podem, naturalmente, tornarem-se Monitores, nem todos são capazes de sê-lo. Estes encontram responsabilidade na tarefa e na contribuição individual,

cooperando no progresso na Patrulha como um todo, e em encargos especiais que lhes forem confiados.



E com os Monitores...

4. Um Chefe deve sempre estar atento em que:

- a) Os Monitores zelem pelo adestramento de todos os membros da Patrulha;
- b) Cada Escoteiro receba sua porção de responsabilidade de acordo com sua capacidade.

5. O Sistema de Patrulhas é, fundamentalmente, uma preparação de Cidadãos, uma vez que proporciona oportunidades para o planejamento de atividades e adestramento, para a indicação de Monitores e para o trabalho de Patrulha, pois as Patrulhas é que constituem a Tropa. Os Escoteiros devem, portanto, experimentando e errando, aprender a conduzir as coisas com espírito de boa vontade, onde cada um terá que renunciar a alguma satisfação pessoal, egoística, pelo bem do conjunto.

6. Toda Tropa atinge um ponto em que os Monitores, após adquirirem uma experiência útil de responsabilidade, tendem a bloquear o acesso a esse cargo e, assim, desencorajam os Escoteiros que necessitariam das mesmas experiências. É, portanto, importante que ele cedam o lugar aos Escoteiros mais jovens, enquanto eles próprios ascendem para um Escotismo mais avançado e aventureiro.

É muito fácil para um Chefe, após alguns anos com uma Tropa, esquecer as fases iniciais pelas quais devem passar todos os Escoteiros para progredirem em bases sólidas. Ele poderá, também, achar que seus atuais Monitores são tão bons que seria um desastre substituí-los. Essa atitude é a negação do Sistema de Patrulhas, que visa criar Monitores. Mudanças não são sempre bem recebidas, mas a experiência tem demonstrado indiscutivelmente que proporcionar responsabilidades faz revelarem-se qualidades não suspeitadas nos meninos e que os novos Monitores poderão muito bem provar serem tão bons ou melhores que os anteriores.

Como B.-P, disse: “onde o Sistema é aplicado devidamente, é absolutamente certo que produzirá bons resultados. Não pode ser de outro modo!”



Escotismo mais avançado.

Café Mateiro
Maio de 2012
cafemateiro.wordpress.com